



JOÃO E MARIA: REALIDADE SOCIOECONÔMICA NO CONTO TRADICIONAL E NO RECONTO CONTEMPORÂNEO

Elesa Vanessa Kaiser da Silva¹⁸

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

151

Resumo: Os contos de fadas são obras clássicas que permanecem vivas ao longo do tempo, seja por meio de versões “originais”, adaptações ou releituras. O presente artigo apresenta um estudo do conto clássico *João e Maria* e da releitura *Joãozinho e Maria* (2013), adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, ilustrações de Walter Lara. Buscar-se-á destacar um diálogo entre as obras e relacionar fatos narrados em contos tradicionais e contemporâneos com a realidade socioeconômica. Nesse sentido, pretende-se destacar o papel dos mediadores de leitura em relação à seleção de obras literárias infantis que privilegiem o segmento étnico e estabeleçam a aproximação das crianças ao imaginário cultural, com histórias ambientadas no cenário brasileiro. Para tanto, será utilizada, como base teórica, sobretudo *Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso* de Robert Darnton (2011) e a obra *Conto e Reconto: das fontes à invenção*, organizado por Vera Teixeira de Aguiar e Alice Áurea Penteado Martha (2012).

Palavras-chave: *João e Maria; Releitura; Mediação.*

Resumen: Los cuentos de fadas son obras clásicas que permanecen vivas al largo del tiempo, sea por medio de versiones “originales”, adaptaciones o relecturas. El presente artículo presenta un estudio del cuento clásico *João y Maria* y de la relectura *Joãozinho e Maria* (2013), adaptación de Cristina Agostinho y Ronaldo Simões Coelho, ilustraciones de Walter Lara. Buscar-se-á destacar un diálogo entre las obras y relacionar hechos narrados en cuentos tradicionales y contemporâneos con la realidad socioeconómica. En ese sentido, se pretende destacar el papel de los mediadores de lectura en relación a la selección de obras literarias infantiles que privilegiem el segmento étnico y establezcan la aproximación de los niños al imaginario cultural, con historias ambientadas en el escenario brasileño. Para tanto, será utilizada, como base teórica, sobre todo *Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso* de Robert Darnton (2011) e a obra *Conto e Reconto: das fontes à invenção* de Vera Teixeira de Aguiar e Alice Áurea Penteado Martha (2012).

Palabras-clave: *João e Maria; Relectura; Mediación.*

¹⁸ Aluna regular de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras, nível de Doutorado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE- campus de Cascavel. Linha de Pesquisa: Literatura, memória, cultura e ensino.



Introdução

Ao longo do tempo, os contos de fadas foram conquistando espaço especial na Literatura destinada às crianças. E desse modo, contemporaneamente, estes destacam-se por meio de inúmeras releituras. Além do mais, vários estudos apresentam as contribuições dos mesmos para a formação de leitores, sobretudo por tratarem de temas atemporais que possibilitam a vivência de experiências por meio da leitura ou contação de história. Assim portanto, os contos de fadas tornaram-se clássicos universais. E conforme Bettelheim (1980, p.20), sendo uma forma artística única, “Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade [...]”.

Nesse sentido, este artigo apresenta um estudo referente aos contos de fadas, especificamente sobre *João e Maria* dos Irmãos Grimm. Para a leitura da versão do conto tradicional, foi utilizada a obra *Contos de Grimm: obra completa* (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. 2000. P. 278-289), tradução de David Jardim Júnior da editora Itatiaia e também *Contos de Grimm: João e Maria e outras histórias*, adaptação de Walcy Carrasco (2009) da Editora Manoele.

É objetivo deste estudo, comparar o conto tradicional ao contemporâneo, verificando o contexto histórico em que ambos se inserem. Desta forma, será analisada também a condição social dos camponeses na Europa, no decorrer da Idade Média à Moderna e o contexto brasileiro atual, relacionando-os com os contos. Para embasamento teórico, serão utilizadas obras de Robert Darnton (2011), Nelly Novaes Coelho (2000), Ana Maria Machado (2002), dentre outras.

“Era uma vez...” E permaneceram lidos para sempre.

Os contos de fadas, ao longo do tempo, foram atraindo a atenção e encantamento dos leitores, seja pelo estilo do enredo ou pela vivência de experiências através da leitura e contação de história. Embora a princípio fossem



destinados aos adultos, atualmente, além de estudados devido à contribuição dos mesmos para com as crianças, também na maioria das vezes são estes os preferidos para serem contados aos pequenos, inclusive antes de dormirem.

Alguns psicanalistas recorrem aos contos de fadas tradicionais para analisar a simbologia presente nos mesmos, porém, deve-se levar em conta que os contos de fadas são carregados de aspectos de ordem histórica e traduzem particularidades de determinadas sociedades, em determinados contextos. Robert Darnton em *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* (2011), no capítulo intitulado *Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso* (2011) critica a análise de contos de fadas que considera, sobretudo, a simbologia dos mesmos.

De acordo com Darnton (2011), para analisar os contos de fadas, é preciso levar em conta que essas obras, além de símbolos e fantasia, trazem também informações históricas, sociológicas e culturais. Portanto, para reconstituir a maneira como os camponeses viam o mundo, nos tempos do Antigo Regime, é preciso começar perguntando o que tinham em comum, que experiências partilhavam na vida cotidiana de suas aldeias (DARNTON, 2011, p. 39). Sendo assim, é válido um estudo acerca da condição socioeconômica dos camponeses na Europa, no decorrer da Idade Média à Moderna, relacionando-a com os contos de fadas.

Contos de fadas clássicos e contemporâneos

Em 1697 foi publicada pela primeira vez a obra *Os contos de mamãe gansa*, onde Perrault reúne contos populares de tradição oral, apresentando uma nova roupagem, a fim de divertir a corte francesa do final do século XVII. Conforme Darnton (2011, p. 90), Perrault não tinha simpatia alguma pelos camponeses e por sua cultura arcaica. No entanto, recolheu as histórias da tradição oral e adaptou-as para o salão, com um ajuste de tom, para atender ao gosto de uma audiência sofisticada.



Os irmãos Grimm também contribuíram imensamente para a repercussão dos contos de fadas. Coletando os contos, acabaram impulsionando também outros estudiosos a realizarem o mesmo processo em seus países. Desfechos trágicos, de histórias que foram passadas pelo povo aos Grimm, acabaram sendo alterados, para ganharem finais felizes e se tornarem mais leves para a leitura de crianças e adolescentes.

Na contemporaneidade, observa-se que os contos de fadas permanecem vivos, e releituras das obras tradicionais entram em cena, sendo também enredo inspirador para inúmeros filmes e desenhos animados. De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000, p. 94), gerados em épocas diferentes, embora sendo reescritos e readaptados através dos séculos, tais textos conservam, em sua visão de mundo, os valores básicos do momento em que surgiram.

No livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), Ana Maria Machado reforça a importância do contato com os clássicos em geral, e destaca como as lembranças infantis podem ser nítidas e duráveis. “Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito funda. Talvez porque sejam muito carregadas de emoção (MACHADO, 2002, p.10).” Nessa mesma obra a autora enfatiza a importância dos contos de fadas:

Entendidas e aceitas em sua linguagem simbólica, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reiteração da confiança em si mesmo. No final o pequenino se dá bem e o fraco vence. A criança pode ficar tranquila - com ela há de acontecer o mesmo. Um depois do outro, esses contos vão garantindo que o processo de amadurecimento existe, que é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro. (MACHADO, 2002, p. 80)

Além do mais, de acordo com Vera Maria Tietzmann Silva (2012, p. 30), “quando um escritor reconta histórias de procedência estrangeira, traduzindo-as ou adaptando-as, tem a clara intenção de ampliar os horizontes de conhecimento do



leitor.” Nesse sentido, observa-se o quanto torna-se fundamental a leitura tanto dos clássicos como dos recontos.

Um diálogo entre a versão clássica e a releitura *Joãozinho e Maria*

João e Maria é um dos contos clássicos dos Irmãos Grimm. A aventura, bem como a coragem destes personagens infantis, conquistou a atenção dos leitores, em diferentes versões que são recontadas em diversos meios, formas e suportes, repercutindo em inúmeras releituras do mesmo na contemporaneidade. Segundo Ana Maria Machado, ao referir-se aos contos clássicos:

De um modo geral, foram escritos a partir da segunda metade do século XIX, numa época que se estende até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Muitos estudiosos chamam esse tempo de —A idade de Ouro da literatura infantil porque foi quando esse gênero se destacou com clareza da literatura para adultos. E foi também quando surgiram várias obras que, embora intencionalmente dirigidas para os pequenos, conquistaram os leitores de todas as idades por suas qualidades literárias intrínsecas. Não eram apenas —livrinhos para as crianças, dispostos a dar alguma lição e, eventualmente, divertir. Como qualquer obra de literatura, tem tudo para agradar ao leitor mais sofisticado e exigente. Por isso, se tornaram grandes clássicos. (MACHADO, 2002, p. 111-112, grifos da autora).

Sendo assim, os contos de fadas, tendo suas raízes na oralidade, têm se perpetuado há séculos, e contemporaneamente seus personagens clássicos se destacam não só em obras literárias, mas também em comerciais, filmes, desenhos animados, revistas, contos, poemas, brinquedos, fantasias (roupas e adereços), desta forma, apresentam-se no contexto atual revestidos com características e/ou comportamentos modernos. Sobre esta presença na contemporaneidade, Silva (2012) levanta alguns questionamentos:

Por que ainda hoje, em pleno século XXI, as histórias populares continuam a ser recontadas para plateias jovens e adultas? O que essas histórias arcaicas têm de tão atraente? O que leva os autores contemporâneos da literatura infantil a tomarem essas velhas narrativas como ponto de partida para novas histórias? Estas são algumas perguntas que surgem quando



vemos o significativo espaço que o reconto ocupa na produção literária destinada à criança e ao jovem. (SILVA, 2012, p. 29).

Vera Maria Tietzmann Silva (2012), em *Sobre contos e recontos*, destaca o termo reconto e suas definições, agregando importante contribuição para os estudos acerca do gênero que se destaca na atualidade:

156

Se, como sugere o prefixo reduplicativo, recontar é contar de novo, podemos incluir neste processo um leque muito amplo de produtos obtidos com base em textos anteriores. Recontar histórias pode tanto constituir uma atividade oral – uma modalidade de jogo dramático –, como uma elaboração escrita, processo de que resulta um texto para ser lido. (SILVA, 2012, p. 13).

Levando em consideração que o reconto garantiu um lugar especial na produção literária infantil, este artigo pretende analisar especificamente o gênero como produção escrita.

A partir das referências teóricas aqui analisadas, considera-se a importância dos contos de fadas clássicos e a partir de então busca-se estudar seus respectivos recontos, sobretudo *Joãozinho e Maria* (2013), que desde a sinopse, localiza o leitor na narrativa que é familiar e, ao mesmo tempo, inovadora:

Era uma vez uma linda princesa... Era uma vez um príncipe encantado que vivia num lindo castelo... Assim começa a maioria dos contos de fadas clássicos, que alimentam a fantasia infantil geração após geração. Porém, pelo fato de seus criadores serem europeus, desde as primeiras publicações no Brasil, estabeleceu-se o pressuposto dos personagens brancos. Já nas capas e ilustrações, que constituem o primeiro elemento de aproximação entre a criança e o livro, entrevemos a entrada num universo que privilegia esse segmento étnico e, a partir daí, as próprias escolas que adotam esses livros integram e perpetuam essa preponderância, que afeta diretamente a autoestima das crianças não brancas. Mas... e se Perrault, Andersen e Grimm tivessem nascido no Brasil? Como seriam os seus contos? É sob essa perspectiva que Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho recontam essas histórias, ambientando-as nas diversas regiões do nosso país, transformando personagens que nada têm de brasileiros em seres com nosso rosto e nossa pele, enfrentando monstros e bruxas do nosso imaginário cultural. (AGOSTINHO; COELHO; LARA. 2013. s/p)



Joãozinho e Maria (2013), adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, ilustrações de Walter Lara, pertence à Coleção de Lá pra Cá¹⁹, cujo kit contém os títulos: Afra e os Três Lobos-Guarás, Cinderela e Chico Rei, Rapunzel e Quibungo e Joãozinho e Maria, obra contemplada neste estudo.

157

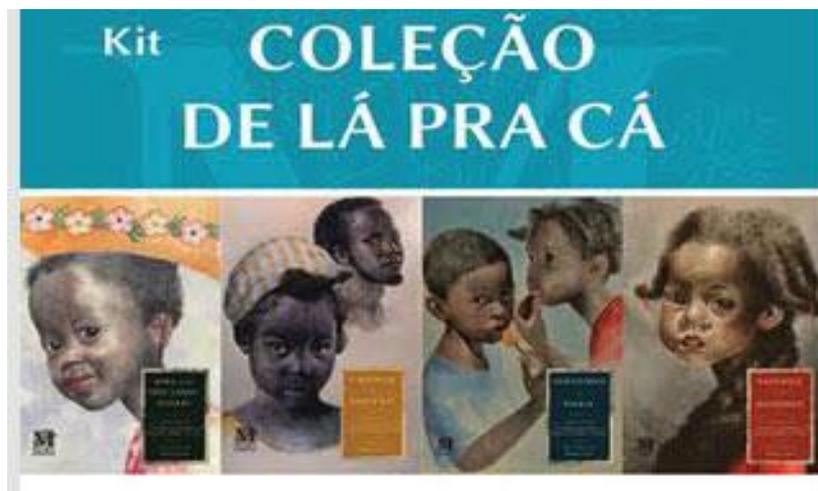


FIGURA 1 KIT COLEÇÃO DE LÁ PRA CÁ- MAZZA EDIÇÕES

Conforme Ana Maria Machado: “Como esses contos tradicionais são os clássicos infantis mais difundidos e conhecidos, a gente sabe que pode se referir a eles e piscar o olho para o leitor, porque ele conhece o universo de que estamos falando.” (MACHADO, 2002, p.81). E assim os recontos conquistam espaço na literatura destinada aos leitores infantis, os quais quando já possuem conhecimento prévio da obra clássica, obterão maior sentido ao estabelecer diálogo entre o tradicional e a respectiva releitura.

¹⁹ <http://www.mazzaedicoes.com.br/obra/kit-colecao-de-la-pra-ca/>

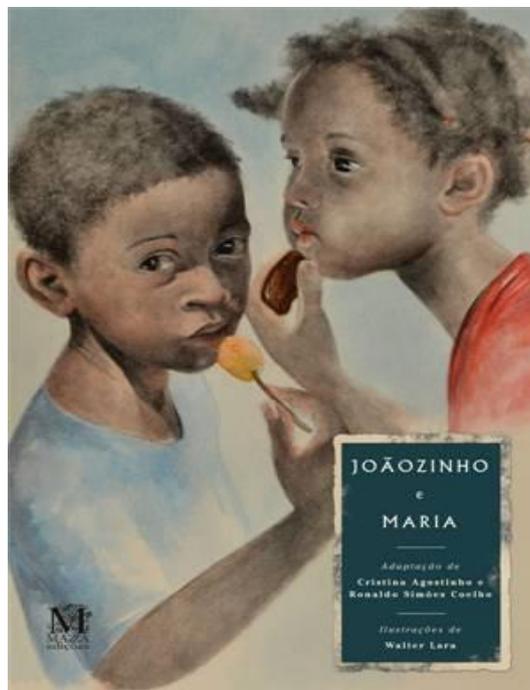


FIGURA 2 JOÃOZINHO E MARIA (2013)

No primeiro contato com o livro *Joãozinho e Maria* (2013), o leitor depara-se com o título a princípio familiar, no entanto, com o diminutivo em relação ao personagem menino. E na ilustração, percebe duas crianças negras saboreando frutas, ao invés de doces, como no clássico. Tais observações já apontam para a desconstrução de estereótipos e conduzem o leitor a uma nova perspectiva de narrativa.

Como toda releitura, no texto prevalece o essencial, ou seja, a estrutura da narrativa, mas inova-se nas possibilidades, ambientando-se em novos cenários e novas roupagens para os personagens:

Há muito tempo, lá na Serra da Mantiqueira, vivia um pobre homem com sua família, num barraco.

Ele havia ficado viúvo e resolveu casar-se de novo para ter quem cuidasse de seus dois filhos, Joãozinho e Maria. Eles eram tão pobres que, às vezes, não tinham nem o que comer.

A madrasta resmungava o dia inteiro. Reclamava de tudo. E quando o marido estava fora, ela maltratava as crianças. E era comilona. Quando tinha comida, comia tudo e não deixava nada para Joãozinho e Maria. Eles tinham tanto medo dela, que não contavam nada ao pai. (AGOSTINHO; COELHO; LARA. 2013. s/p).



O reconto, ambientado no Brasil, tem como personagens principais, crianças pertencentes a uma família, cuja configuração (pai, filhos, madrasta) é semelhante a muitas famílias deste país. A condição socioeconômica também não difere da realidade de muitos brasileiros, submetidos à desigualdade social.

No contexto social da versão clássica, os camponeses viviam em condições sub-humanas: “Comer ou não comer, eis a questão com que os camponeses se defrontavam em seu folclore, bem como em seu cotidiano”. (DARNTON, 2011, p. 50). Desse modo, “O desejo habitualmente é por comida, nos contos dos camponeses, e jamais é ridículo. (DARNTON, 2011, p. 51)

Sendo assim, pensar na criança como um ser frágil e dependente, que necessita dos maiores cuidados possíveis, inclusive com direito ao acesso a educação infantil, contradiz com a condição de vida em relação aos personagens Joãozinho e Maria, sendo que a literatura passa a ser uma denúncia da realidade de inúmeras crianças brasileiras:

Certo dia a madrasta pensou que, se ficasse livre das crianças, iria sobrar mais comida para ela. O que fez? Mandou os meninos colherem goiabas na mata. Na verdade, ela queria mesmo era que eles se perdessem.
- Vão colher goiabas lá do outro lado da Cachoeira Veu de Noiva. E não me apareçam se os cestos não estiverem cheinhos! (AGOSTINHO; COELHO; LARA. 2013. s/p)

A representação da madrasta como cruel, tanto na história clássica como na versão contemporânea, tem relação ao contexto histórico em esta está inserida desde as primeiras versões dos contos clássicos:

As madrastas proliferavam por toda parte – muito mais que os padrastos, porque o índice de novos casamentos entre as viúvas era de um em dez. Os filhos postiços podem não ter sido tratados como Cinderelas, mas as relações entre irmãos, provavelmente, eram difíceis. Um novo filho, muitas vezes, significava a diferença entre pobreza e indigência. Mesmo quando não sobrecarregava a despesa da família, podia trazer a penúria para a próxima geração, aumentando o número de pretendentes, quando a terra dos pais fosse dividida entre seus herdeiros. (DARNTON, 2011, p. 44)



Ao longo da história, a infância não foi compreendida como uma fase da vida, sendo que esta passou a ser vista como um segmento social, assumindo um papel nas relações familiares e na sociedade somente com o passar dos tempos. Portanto, os personagens infantis também estão submetidos a uma vida em que ser criança não significava necessariamente viver a infância. “Para a maioria dos camponeses, a vida na aldeia era uma luta pela sobrevivência, e sobrevivência significava manter-se acima da linha que separava os pobres dos indigentes [...]”. (DARNTON, 2011, p. 43).

Tanto no conto contemporâneo, como no clássico, Joãozinho desconfiou das intenções do pai, sobretudo da madrasta. E antes de serem levados, utilizou uma estratégia, a qual garantiu o retorno dos mesmos. Sendo assim, seguindo as pedrinhas brancas os irmãos sozinhos encontraram o caminho de volta.

No dia seguinte, a madrasta mandou que eles fossem pra mais longe ainda, no reconto, ordenou-os “- Lá perto do pico das agulhas negras tem um pé de jabuticaba. se os dois voltarem pra casa com cestos vazios, eu arranco suas orelhas”. (AGOSTINHO; COELHO; LARA. 2013. s/p).

Desta vez, Joãozinho encheu os bolsos com grãos de milho, mas, na hora de voltar, assim como na versão clássica, descobriram que os passarinhos haviam comido todos os grãos de milho.

Ficou escuro tão depressa que Maria, morrendo de medo, começou a chorar. Joãozinho fez o que não pôde pra acalmar a irmã. E juntou paina das palmeiras pra fazer um colchão macio para dormirem. Antes, comeram muitas jabuticabas e beberam água de uma fonte. (AGOSTINHO; COELHO; LARA. 2013. s/p)

Os personagens João e Maria, assim como muitas crianças brasileiras, são expostos ao perigo na sociedade. Embora tenha-se evoluído no sentido de direitos/justiça/igualdade, nota-se que as leis por si só não garantem que as pessoas sejam realmente respeitadas. Muitas crianças brasileiras não têm acesso à educação, tampouco em ensino de tempo integral. Estas, podem não habitar a floresta, assim como os personagens do conto, mas são deixadas em seus próprios



lares, sendo seus pais obrigados a trabalharem horas exaustivas de trabalho, para conseguirem assim, assegurar às suas famílias, as condições básicas de sobrevivência. Ou muitas vezes, permitem submeter os filhos à exploração e trabalho infantil.

O conto também ganha uma dose de fantasia que ameniza o sofrimento e angústia dos personagens e do leitor:

Quando amanheceu, os dois acordaram com o barulho alegre da passarada: maritacas, tucanos, periquitos, saracuras, juritis e muitos outros. Já estavam cansados de andar pra lá e pra cá, quando encontraram uma casinha feita de pão de mel, brigadeiro, doce de leite, pé de moleque e sorvete. Hummm...Tudo parecia uma delícia! (AGOSTINHO; COELHO; LARA. 2013. s/p)

O conto de Grimm enfatiza a floresta misteriosa e a ingenuidade das crianças diante do mal inescrutável, e tem toques mais fantasiosos e poéticos, como nos detalhes sobre a casa de pão e bolo e nos pássaros mágicos. (DARNTON, 2011, p. 37)

É neste momento que entra a figura da bruxa, que assim como no conto clássico, explora a menina, obrigando-a a trabalhar incansavelmente, e procura engordar Joãozinho, para futuramente alimentar-se do mesmo. O menino, no entanto, no conto clássico utiliza-se da astúcia para aproveitar da condição de baixa visão da bruxa, e mostra um gravetinho ao invés de seu dedo, quando a mesma procura verificar se o menino está pronto para ser assado.

A astúcia dos personagens, presente em ambos os contos, é uma característica do gênero desde sua origem, representa o contexto histórico dos camponeses “[...] Enquanto os ricos ficavam mais ricos. Diante dessas dificuldades, os “pequenos” (petites gens) sobreviviam com a esperteza. Conseguiram trabalho como lavradores, teciam e fiavam panos em suas cabanas, faziam trabalhos avulsos e saíam pela estrada, pegando serviços onde pudessem encontrá-los”. (DARNTON, 2011, p. 43)



Sendo assim, “As histórias pertenciam sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses foram acumulando através dos séculos, com perdas notavelmente pequenas”. (DARNTON, 2011, p. 32).

Maria também utiliza-se da esperteza como condição de sobrevivência, enganando a bruxa, empurrando-a para o forno, impedindo assim que o pior aconteça com seu irmão. Mantendo-se unidos, por fim, os dois conseguem se livrar do mal que lhes ameaçava e do medo que enfrentavam. No entanto,

162

Mais uma vez, Joãozinho e Maria se viam sozinhos na mata. Não podiam imaginar que o pai estava bem pertinho, procurando por eles. De repente os três se encontraram. Foi uma alegria tão grande que quase se esqueceram de contar a história da casa cheia de gostosuras e de todo o aperto que passaram.

O pai também tinha ótimas notícias. Havia conseguido um trabalho de guarda florestal e nunca mais iriam passar dificuldades na vida.

E contou que se havia separado da madrasta e que, agora, os três iriam viver juntos e felizes pelo tempo afora. (AGOSTINHO; COELHO; LARA, 2013. s/p)

A felicidade, na releitura, consiste não apenas no reencontro do pai com os filhos, mas pelo emprego que o mesmo conseguira, e principalmente pelo divórcio. Desta forma, tais acontecimentos representam melhores condições financeiras e emocionais para João e Maria, sendo a partir de então, uma nova forma de viver melhor, possível.

De acordo com Candido, ao tratar da literatura, afirma que:

Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 1972, p.805).

Seno assim, a Literatura pode atuar de forma relevante na formação do indivíduo, contribuindo para a construção de valores diferentes em relação aos padronizados e difundidos no decorrer dos tempos. E na releitura considerada neste artigo, é possível sob um novo olhar, os **Joões** e Marias no cenário brasileiro.



Essa capacidade de ficcionalizar, transformar em linguagem a experiência que é do ser humano, o qual pode se projetar e se solidarizar com as diferentes personagens, faz com que muitos escritores da Literatura Brasileira sejam admiráveis em todos os sentidos. Pois, falar de infância na literatura significa também reconhecer a criança nos discursos literários pensados seja para o público infantil ou adulto, envolvendo assim o reconhecimento, bem como a imagem, dessa fase da vida, que foi construída e sofrendo grandes mudanças ao longo dos tempos.

Considerações finais

Com base nas obras de crítica literária supracitadas, nota-se que a repercussão dos contos de fadas e seus respectivos recontos é significativa, nesse sentido, por meio deste estudo, possibilitou-se realizar uma análise que contempla a Literatura Infantil e a formação de leitores literários.

A obra *Joãozinho e Maria* (2013), está contemplada no acervo do PNBE- Programa Nacional Biblioteca da Escola²⁰ de 2014, destinado à categoria 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental. Considerando assim, obras literárias que abrangem o território nacional, especificamente em escolas públicas, por meio do PNBE, foi possível também, avaliar a qualidade/conteúdo deste material que é enviado pelo Programa supracitado.

A leitura do texto *Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso* (2011) contribuiu para destacar que os contos de fadas tradicionais vão além da fantasia considerada principalmente por estudos psicanalíticos, pois o

20 O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>



historiador Darnton (2011) enfatiza que, nos contos de fadas, estão presentes elementos de realismo e não de fantasia, apresentando assim, uma estratégia de sobrevivência, uma forma de lidar com as dificuldades de uma sociedade dura. Além do mais, percebe-se de como era constante, na realidade dos camponeses da França do Antigo Regime, o sonho pela busca de riqueza, em que a felicidade consistia em conseguir comida e condições melhores.

Percebe-se, portanto, que tanto no conto tradicional quanto no conto contemporâneo, a astúcia é um dos aspectos valorizados quando se trata da sobrevivência em contextos de miséria e violência, nos quais os pequenos precisam usar de muita esperteza. E assim, “Longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de histórias do século XVIII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua”. (DARNTON, 2011, p. 28-29)

Comparando o conto tradicional à releitura, é possível destacar que na literatura contemporânea estão presentes condições e perigos similares dessa realidade considerada já nos contos clássicos. Os personagens da obra clássica João e Maria permanecem, com outras roupagens, porém com a mesma astúcia, coragem e esperteza, retratando a condição social contemporânea. Portanto, vale ressaltar que os contos tradicionais não trazem apenas fantasias, mas sociologia.

Desse modo, vale ressaltar o papel dos mediadores de leitura em relação à seleção de obras literárias infantis que privilegiem o segmento **étnico** e estabeleçam a aproximação das crianças ao imaginário cultural, com histórias ambientadas no cenário brasileiro, assim como Joãozinho e Maria (2013).

Referências

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões; LARA, Walter. *Joãozinho e Maria*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e cultura*. São Paulo. USP, 1972.

CARRASCO, Walcyr. *Contos de Grimm: João e Maria e outras histórias*. Ilustrações de Suppa. São Paulo: Manoele, 2009.

COELHO, Nelly N. Da teoria à análise do texto. In: _____. *Literatura infantil: Teoria, Análise e Didática*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 92-96.

DARNTON, R. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: _____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução: Sonia Coutinho. São Paulo: Graal, 2011. P 13-103.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de fada: obra completa*. Trad. David Jardim Júnior Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

MACHADO, Ana M. *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

PERRAULT, Charles. *Contos de Mamãe Gansa*. Tradução de Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

SILVA, Vera M. T. Sobre os contos e recontos. In: AGUIAR, Vera Teixeira. MARTHA, Alice Áurea Penteadó. (Orgs.) *Conto e Reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.